

Autonomia, educação e emancipação: diálogos entre Paulo Freire e Theodor W. Adorno

 Ariosvalber de Souza Oliveira*

Resumo: O presente trabalho pretende estabelecer algumas reflexões sobre os conceitos de autonomia, educação e emancipação a partir de concepções defendidas por Paulo Freire e Theodor W. Adorno, tais apontamentos estão presentes, sobretudo, nos livros "Pedagogia da autonomia" (1996), de Freire e "Educação e Emancipação (2020), de Adorno. Para tanto, traremos o diálogo com outras obras dos respectivos pensadores, assim como de outros estudiosos do debate, tais como José Carlos Libâneo (1985), Francisco Loiola e Cecília Borges (2014); Wolfgang Leo Maar (2020), Danilo Marcondes (2007) e Márcio Seligmann-Silva (2003), dentre outros. Dessa maneira, mesmo sendo autores distintos no contexto de sua posição epistemológica e social, Paulo Freire e Adorno indicam que a educação pode ser pensada enquanto prática para autonomia crítica e vinculada à emancipação humana.

Palavras-chave: Paulo Freire, Adorno, Educação, Autonomia e Emancipação.

Autonomía, educación y emancipación: diálogos entre Paulo Freire y Theodor W. Adorno

Resumen: El presente trabajo pretende establecer algunas reflexiones sobre los conceptos de autonomía, educación y emancipación a partir de algunas concepciones defendidas por Paulo Freire y Theodor W. Adorno, tales notas están presentes, sobre todo, en los libros "Pedagogia da Autonomy" (1996), de Freire y "Educação e Emancipação (2020), de Adorno. Además, traeremos el diálogo con otros trabajos de los respectivos pensadores, así como con otros estudiosos del debate, como José Carlos Libâneo (1985), Francisco Loiola y Cecília Borges (2014); Wolfgang Leo Maar (2020), Danilo Marcondes (2007) y Márcio Seligmann-Silva (2003), entre otros. De esa manera, aun siendo autores diferentes en el contexto de su posición epistemológica y social, Paulo Freire y Adorno señalan que la educación puede pensarse como una práctica de autonomía crítica y vinculada a la emancipación humana.

Palabras clave: Paulo Freire, Adorno, Educación, Autonomía y Emancipación.

* Doutorando em educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), linha História da Educação. E-mail: ariosvalber1313@gmail.com



Apresentação

O presente artigo visa desenvolver algumas reflexões em torno das relações entre autonomia, educação e emancipação, a partir das análises de Paulo Freire (1921-1997) e Theodor W. Adorno (1903-1969). O primeiro é considerado um dos mais notáveis pensadores da educação brasileira, já o segundo reconhecido como um dos nomes mais importantes da filosofia contemporânea e da Escola de Frankfurt.

Ambos os autores mencionados anteriormente trataram da educação como tema de reflexão, cada um à sua maneira, de modo específico no tocante às finalidades e aos modos de ação, no entanto, em que pese tais particularidades, torna-se possível estabelecermos conexões entre algumas ideias postuladas por Paulo Freire e Theodor Adorno.

Nesse contexto, Freire (1996), no livro “Pedagogia para autonomia”, traz uma série de ideias sobre a prática docente na perspectiva da autonomia, conceito que se torna o *leitmotiv* de tal obra. Por sua vez, Adorno (2020) escreveu alguns ensaios, proferiu palestras e entrevistas radiofônicas sobre a problemática da educação como ação política e para emancipação.

Dessa maneira dividimos o texto em duas partes, a saber: a primeira trata de localizar o lugar teórico de cada autor em análise e visa apresentar as principais características de seus pensamentos, indicando aproximações e distanciamentos entre ambos; já a segunda analisa a questão da autonomia, da educação e da emancipação à luz das percepções de Adorno (2020) e Paulo Freire (1996).

Para tanto, dialogaremos com autores que refletem o contexto e os aspectos do pensamento de Paulo Freire e de Adorno, tais como: José Carlos Libâneo, Francisco Loiola e Cecília Borges; Wolfgang Leo Maar, Danilo Marcondes e Márcio Seligmann-Silva, dentre outros.

Pretende-se, com isso, também refletir sobre o processo educacional numa perspectiva de questionamentos ao modelo social vigente, visto que vivenciamos uma quadra histórica caracterizada por tensões econômicas, de

ascensão de projetos autoritários de poder no Brasil; assim como no aprofundamento das desigualdades sociais ocorridas pela imposição das políticas neoliberais adotadas nos últimos anos no país, algo que foi potencializado pelo governo do presidente Jair Bolsonaro e pela pandemia de Covid-19, duas tragédias que assolam a sociedade brasileira. Tais aspectos têm desdobramentos na educação, em virtude de que atualmente a gramática do mundo empresarial e da área de administração fazem-se presente de maneira predominante nas políticas públicas educacionais determinadas pelo Estado brasileiro, nas quais os “reformadores empresariais da educação” dão o tom das metas e dos horizontes de expectativas que devem ser exigidos das instituições de ensino e dos seus respectivos docentes e discentes (Freitas, 2018).

Nessa conjuntura, muitas vezes, as políticas educacionais são formuladas de maneira vertical e sem espaço para participação deliberativa dos agentes constitutivos da educação em suas bases, desdobrando-se em modelos únicos, como se não existissem outras proposituras educacionais¹. Com base nessa premissa, reafirma-se a importância das propostas críticas de Paulo Freire e de Adorno, na medida em que tais autores expressam que o espaço educacional pode ser de autonomia, emancipação e de resistência, como pretendemos demonstrar no presente texto.

Adorno e Paulo Freire: algumas considerações

Na filosofia contemporânea, Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno ocupa lugar de destaque. O autor nasceu na Alemanha, em 1903, e morreu no ano de 1969; tendo vivenciado um período histórico de rupturas

¹ Nessa questão, recomenda-se a leitura do livro *Políticas de Avaliação, currículo, trabalho docente: repercussões das avaliações externas no cotidiano das escolas públicas*, organizado por Luciano Leandro da Silva, Álvaro Moreira Hypólito e Carlos Augusto de Medeiros (2021), no qual se localizam vários estudos analisando os impactos da presença de instituições privadas no processo de avaliação de professores e de escolas de redes públicas de ensino. Essa obra encontra-se para consulta no link a seguir.
Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/politicas-de-avaliacao-curriculo-e-trabalho-docente-repercussoes-das-avaliacoes-externas-no-cotidiano-das-escolas-publicas>> Acesso em 27. Ago. 2021.

institucionais e de grandes conflitos sociais e políticos. Acompanhou as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1936-1945); o nascimento, a ascensão e a queda do Nazismo/Fascismo - inclusive como judeu teve que sair do país para sobreviver - os desdobramentos do capitalismo do seu tempo; o surgimento da União Soviética e os conflitos desse país com os Estados Unidos pelo domínio da hegemonia mundial, que teve na Guerra Fria (1945-1989) sua principal configuração.

No campo da história da filosofia, Adorno foi um dos fundadores da Escola de Frankfurt, junto com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Axel Honneth e Eric Fromm, entre outros pensadores. Max Horkheimer e Theodor Adorno publicaram o livro "Dialética do Esclarecimento" (1947), texto considerado um marco de tal instituto.

Cabe destacar que os pensadores em torno da Escola de Frankfurt desenvolveram teorias do conhecimento e da sociedade, tendo na obra de Karl Marx uma de suas inspirações, mas dando contornos próprios a partir de conexões com outros pensadores, tais como Kant, Freud e Hegel, dentre outros. Nesse ambiente epistemológico, pode-se apontar que uma das principais críticas dos pensadores frankfurtianos dava-se em torno da racionalidade técnica e instrumental que se expandiu na sociedade capitalista após a revolução industrial. A lógica do domínio do capital estendeu-se para o âmbito da cultura, no processo da indústria cultural e nos seus desdobramentos, entre eles, na massificação do saber, da cultura e das artes.

Dessa maneira, obliterando as idiosincrasias dessas dimensões do fazer humano e do espírito individual, assim dizendo, o fazer social e cultural tornaram-se objetos de consumo que seguem a lógica do mercado. Dessa maneira, "no mundo onde tudo é medido pelo valor de troca, tudo se torna intercambiável: do ponto de vista qualitativo, tudo se reduz à indiferença" (Seligmann-silva, 2003: 35). Por sua vez, na perspectiva de se contrapor a esse modelo, tornava-se urgente elaborar "a razão emancipatória, com base na crítica da dominação e em nome da comunicação e do consenso entre indivíduos racionais e livres" (Marcondes, 2014: 297).

É nesse cenário que Theodor Adorno vai produzir seus textos e suas reflexões filosóficas. Esse filósofo não escreveu um livro dedicado exclusivamente à problemática educacional, entretanto, a educação, como formação humana, encontra-se presente em muitos de seus livros e ensaios². As suas principais ponderações em torno da educação estão reunidas no livro "Educação e Emancipação" (2020)³, no qual estão circunscritos ensaios, entrevistas radiofônicas e seminários do autor em torno da complexidade educacional.

Nessa coletânea estão presentes muitas de suas inquietações sobre educação, que acompanham suas postulações filosóficas maiores. Adorno, em linhas gerais, vai demonstrar que o esclarecimento (Aufklärung) proporcionado pela razão não garantiu o processo de autonomia plena do ser humano, isso devido ao capitalismo e suas reverberações na dimensão do mundo social e cultural. Tal contexto gerou a semiformação (Halbbildung) dos indivíduos, em que eles não conseguem vislumbrar o processo de uma consciência crítica diante de si e do mundo.

Em vista disso, Adorno (2020) indica que a razão e a técnica não garantem por si só o processo de liberdade e de autonomia do indivíduo, pois não possibilitam a reflexão crítica sobre suas condições de existência e nem uma plena experiência formativa; tais fatores podem proporcionar o surgimento da barbárie. A experiência do Nazifascismo e de Auschwitz são exemplos emblemáticos desse cenário. Para o pensador em questão, a permanência do ideário fascista acontece devido a persistência dos dados sociais objetivos que possibilitaram o surgimento e a ascensão do fascismo. Logo, para Adorno (2020: 46):

A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em

² Adorno também é um dos principais pensadores do gênero "ensaio" e, inclusive, escreveu o texto "O ensaio como forma" (2003), no qual estabelece ponderações pertinentes em torno das possibilidades de tal estilo textual como via de problematização filosófica e estética.

³ Cabe destacar que o livro foi publicado originalmente na Alemanha, em 1970, de maneira póstuma e o título se refere à sua última entrevista em vida, já no Brasil saiu em 1995, desde então era uma obra difícil de adquirir na versão impressa, no entanto, saiu uma nova edição, em 2020, com tradução e prefácio de Wolfgang Leo Maar, um de seus principais estudiosos no Brasil.

relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar a subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida que abdicam seu próprio eu.

Nessa dimensão contextual, segundo Adorno (2020), a crítica é a possibilidade de contraposição ao mundo cultural condicionado pelo sistema capitalista, devido ao fato de que “as relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também integram no plano da subjetividade, onde originam relações de dominação” (Leo Maar, 2020: 20).

Nesse sentido Adorno (2020) defende a necessidade de “elaborar o passado”, nessa perspectiva torna-se necessário enfrentar as condições que possibilitaram as tragédias do passado no tempo presente, compreendendo, assim, que o mundo e a ordem social que rege a vida dos indivíduos não são dados naturais e imutáveis. Logo, a educação tem uma importância fundamental no processo de emancipação crítica dos indivíduos em torno de si e do mundo em que vivem.

Nisto veremos, logo mais, com maiores detalhes, os pressupostos educacionais de Adorno (2020). Agora, iremos trazer um breve perfil da vida pessoal e intelectual de Paulo Freire. Para Gauthier e Tardif (2014), Freire pode ser considerado como um dos principais nomes da pedagogia contemporânea, ao lado de outros pensadores, tais como: John Dewey, Maria Montessori, Carl Rogers e Célestin Freinet. Tal colocação não é por acaso, visto que a teoria do conhecimento freireana absorve e redimensiona questões educacionais latentes do século XX.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) nasceu em Recife e logo ganhou fama no Brasil e em outros países. Exerceu atividades educativas com jovens e adultos de comunidades pobres do Nordeste brasileiro, sobretudo, em torno do processo de alfabetização, experiências que vão ter ressonâncias nos seus apontamentos reflexivos elaborados em textos. Pelo caráter progressista de seus livros e de suas ideias, precipuamente pela influência marxista e humanista presente em sua teoria e método educacional, com o golpe militar

de 1964, acabou sendo preso durante 70 dias e logo depois expulso do país⁴. Daí em diante Freire vai viver em vários países e só volta ao Brasil na década de 1980, no período de reabertura política.

É nessa fase que ele publica o livro "Pedagogia do Oprimido", sua obra mais conhecida mundialmente, inicialmente escrita na década de 1960, no Chile, durante seu exílio, e publicada em Nova York, no ano de 1970; já no Brasil, apenas quatro anos depois (Loiola; Borges, 2014). Tal texto tornou-se um clássico da área da educação, levando Freire e seus pensamentos para o proscênio dos debates educacionais no mundo contemporâneo.

Desse modo, em "Pedagogia do Oprimido", encontram-se delineados aspectos centrais de sua visão teórica, posto que Paulo Freire compreende a educação como meio para o processo de libertação contínua. Para Libâneo (1985), o pensamento educacional de Paulo Freire situa-se na tendência pedagógica progressista, especificamente na "Pedagogia Libertária", que se difere da tendência pedagógica tradicional. Isso devido ao fato de que na concepção tradicional a educação é compreendida como uma via de preparação do aluno para se adequar ao mundo. Nessa lógica, a escola e o processo educacional devem garantir tão somente a transferência de conteúdo do professor para o aluno, uma "educação bancária" de acúmulo e transmissão de conteúdo.

Por sua vez, Freire contrapõe-se a tal ordenamento pedagógico, tendo em conta que a educação para ele é entendida como prática social, pois ela se direciona ao questionamento e/ou problematização das relações do homem em sociedade e, igualmente, visa a transformação do indivíduo e da sociedade. Assim, a escola deve ser espaço para o diálogo entre professores e alunos, isso de maneira horizontal, dialógica, já o conteúdo tem que ter sentido para os alunos, assim como deve servir de caminho para problematizações do ser humano e do mundo, sobretudo, reconhecendo que o indivíduo é um ser inacabado e a sociedade é um espaço de embates de classes e de transformações.

⁴ Para uma visão mais detalhada de sua vida pessoal e acadêmica, recomenda-se o livro: *O educador: um perfil de Paulo Freire* (2019), de Sérgio Haddad.

Daí a importância das palavras no ato educativo, porquanto para Paulo Freire (1987: 87, Grifos do autor) existir enquanto ser humano “é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*”, visto que a educação não é espaço para silenciamento, devido ao fato de que homens não se constituem no silêncio, mas na palavra, na prática e na ação reflexão (Freire, 1987).

Dessa maneira, localizam-se duas grandes influências na compreensão pedagógica de Freire, a saber: o marxismo e o cristianismo, embora o próprio autor tenha reconhecido as críticas que recebeu de autores vinculados a ambas as tendências (Freire, 1987). A presença de Marx na obra de Freire pontua-se na defesa da dimensão da práxis no processo de emancipação humana, por seu turno, os aspectos católicos, principalmente da teologia da libertação, estão presentes na sua defesa em torno da igualdade e da necessidade de comunhão entre os homens. São por esses motivos que Freire também é reconhecido como um “marxista humanista de inspiração cristã” (Loiola; Borges, 2014).

Para Freire a educação serve para a autonomia do ser humano diante do mundo, aspecto presente na “Pedagogia do Oprimido” (1987) e que volta à tona no livro “Pedagogia da Autonomia” (1996). Nessa última obra o pensador vai estabelecer um conjunto de reflexões sobre os saberes importantes para uma prática educativa voltada para a efetiva autonomia dos que vivenciam o processo educacional, em especial, os educadores. Todavia, partindo do pressuposto de que não existe docência sem discência, na medida em que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996: 23). O que veremos com maiores detalhes no próximo tópico.

Desta feita, pode-se afirmar que Freire e Adorno são autores que propuseram pensar a educação tendo pontos de vistas e práxis diferentes; o primeiro, um brasileiro pensador da educação, que forjou sua elaboração teórica a partir de experiências com a educação popular de jovens e adultos;

já o último, alemão e filósofo da teoria crítica, que não organizou reflexões educacionais com estruturas pedagógicas próprias.

Porém, ambos se conectam em muitos aspectos; primeiramente, são tributários de pressupostos do materialismo histórico e dialético de Marx, em que não basta apenas a interpretação do mundo sob a égide do sistema capitalista, visto que tal ordem social não é um dado natural e eterno. Conforme Karl Marx (2011: 25) aponta: “os homens fazem a sua própria história; pois não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas”.

Já no âmbito pessoal, Theodor Adorno presenciou os horrores do nazismo e como judeu sofreu as consequências do arbítrio de tal regime político, tendo que se exilar para não sucumbir diante dos algozes; já Freire vivenciou as atrocidades de outra estrutura de poder de exceção, sendo preso e exilado pela ditadura militar.

No que tange à educação, compartilham da visão de que ela é um processo de formação social a qual passa pelo crivo da experiência e da ação efetiva diante do mundo. Para Adorno (2020) e Paulo Freire (1996) a educação deve ser uma crítica radical da realidade e assim como voltada para a resistência aos condicionamentos estabelecidos pelo sistema capitalista e de seus desdobramentos na cultura e na esfera educacional. Dessa maneira, faz-se necessário vislumbrar um processo educacional para autonomia e emancipação, como tentaremos ver a seguir.

A educação sob a perspectiva da autonomia e da emancipação em Adorno e Freire

Adorno propõe-se a refletir sobre as razões que possibilitaram a existência do Nazismo e dos campos de concentração na Alemanha, país de importante tradição filosófica, em que grande parte da população tinha acesso à educação formal. É nesse contexto que esse filósofo vai situar suas reflexões em torno do processo educacional. Com efeito, Adorno (2020) vai

reconhecer que existia uma crise permanente na educação alemã, mesmo sob os impactos de várias reformas educacionais. Mas essa decadência no processo educacional alemão, tratava-se de um projeto político que atendia às exigências do sistema social e econômico vigente. Outrossim, o esclarecimento da consciência sem problematizar a formação social em que a educação acontece geram efeitos perversos (Leo Maar, 2020).

Isso se deve ao fato de a educação não possibilitar aos sujeitos uma visão crítica sobre os ordenamentos sociais de sujeições as quais são submetidos. Tais questões tornam-se mais complexas quando se constata a impossibilidade de se abstrair totalmente dos condicionamentos sociais, algo que afeta a possibilidade da liberdade plena do ser humano e é nesse aspecto que reside a principal limitação e contradição da democracia e da educação, em razão de que a organização social em que vivemos continua “sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações” (Adorno, 2020: 199).

A educação para Adorno deve ser refletida no contexto mais amplo da sociedade capitalista, na qual predomina a racionalidade instrumental. Nisso o poder ideológico da indústria cultural sedimenta a impossibilidade de uma formação cultural (Bildung), que deveria ser pautada na crítica, dessa forma, o que se estabelece na prática é a semiformação (Halbbildung). Esses fatores acabam por separar a crítica da cultura da perspectiva da ação social, o que se desdobra na forma predominante de conformação social dos indivíduos.

Esses aspectos, ao não serem refletidos de maneira crítica, possibilitam a existência da barbárie. E nesse contexto reside a importância da educação, que deve ser crítica e necessita refletir sobre a dimensão política do ensinar e do aprender. Para tanto, a saída é uma “educação para a autonomia”, em razão de ser o único caminho efetivo contra o princípio de Auschwitz e da barbárie, “pois se configura como o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (Adorno, 2020: 135).

Assim, Adorno (2020) traz ao centro do debate a expressão “autonomia” e indica sua importância na educação. Sobre esse conceito, Ângela Martins (2002) demonstra suas apropriações em várias áreas do saber no decorrer

da história, como no pensamento histórico, político e filosófico. Sobre o sentido do termo na dimensão educacional, Martins (2002: 224) indica que:

Autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. Nesse sentido, uma escola autônoma é aquela que governa a si própria. No âmbito da educação, o debate moderno em torno do tema remonta ao processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que preconizava a capacidade do educando de buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma.

A autora reflete também como a “autonomia” é tematizada na educação por várias tendências pedagógicas, por exemplo, na pedagogia ativa e libertária, assim como também é utilizada pelos órgãos oficiais de educação em suas políticas públicas à luz dos moldes neoliberais, resultando num caráter restritivo e utilitarista do termo. Nesse último caso, muitas vezes, em procedimentos administrativos e financeiros das escolas, com ampliação de encargos e de responsabilidades para elas (Martins, 2002). Na perspectiva pedagógica libertária o termo em análise é um dos eixos de horizontes de expectativas, algo extensivo na pedagogia crítica proposta por Paulo Freire, que reflete sobre a importância de uma educação voltada para autonomia.

Dessa feita, cabe mencionar que Paulo Freire (1987), em “Pedagogia do oprimido”, não utiliza ou faz menção a Adorno. Nesse livro localiza-se a presença de Eric Fromm, da sua obra “Medo à Liberdade”; aliás, o único autor da escola de Frankfurt mencionado por Freire. Já em “Pedagogia da autonomia” (1996), igualmente, não se faz menção a Adorno, ou a outro autor frankfurtiano.

Chama-nos a atenção o contexto histórico em que foram produzidas as duas obras de Paulo Freire mencionadas anteriormente, visto que a primeira foi escrita e publicada nas décadas de 1960 e de 1970, num período marcado por revoluções sociais e pela presença de projetos socialistas no horizonte latino-americano, por exemplo, a Revolução Cubana (1959), inclusive, citada na obra. Já a segunda foi publicada em 1996, em uma época em que já não existiam a União Soviética e o bloco socialista em disputa pelo poder no mundo, além disso num momento da história abalada pela hegemonia do capitalismo neoliberal no Brasil e no mundo.

Essa contextualização é relevante para melhor compreender como Freire vai defender os saberes docentes na perspectiva de atender a uma efetiva pedagogia da autonomia, uma vez que Paulo Freire (1996) permanecerá fiel as linhas gerais de suas propostas educacionais, entre elas, a crítica a lógica capitalista e a necessidade de que a educação tem de levantar-se contra o processo de formação que não se constitui na crítica, que abdique de questionar os conflitos e as desigualdades presentes no mundo. Igualmente, não prescindia de se refletir sobre o papel da educação e da escola na busca por novas possibilidades de mundo. Dessa forma, Paulo Freire (1996: 14) reafirma “a crítica permanentemente presente em mim à malvadeza neoliberal ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia”.

Para Freire (1996) uma pedagogia da autonomia precisa levar em conta alguns pressupostos básicos a práxis educativa, primeiramente a consideração de que não existe docência sem discência, o que exige respeito e consideração para com suas responsabilidades éticas, científicas e de reflexão diante da prática. Segundo, de que o ensino não acontece apenas na mera transferência de conhecimento, em virtude de que é necessário possibilitar as condições para a construção do conhecimento (Freire, 1996).

Terceiro, a noção de que o ato de ensinar é uma ação do ser humano, que deve levar em considerações as várias dimensões da condição humana, pois, para Freire (1996), a educação é uma prática humana e não se pode aceitar que seja vivida de maneira fria, sem empatia e sentimentos, todavia, sem abrir mão do rigor necessário da disciplina científica.

Nesse contexto, para Freire (1996) na prática de ensino torna-se necessário respeitar a autonomia do educando, mas não apenas no plano da retórica e/ou dentro da ordem formal, mas sim na prática.

Dessa maneira, tanto Freire (1996) quanto Adorno (2020) apontam que os condicionamentos sociais se tornam os grandes desafios para uma educação para autonomia. Segundo Adorno (2020: 155) diante do fato de “que a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em

sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação”.

Aspectos que podemos localizar, por exemplo, na reflexão de Adorno segundo a qual “a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana” (Adorno, 2020: 176). No entanto, os valores de competitividade entre os indivíduos não estão presentes apenas no mundo do trabalho capitalista, uma vez que também fazem parte do processo educacional. Nessa última dimensão, as instituições de ensino, muitas vezes, acabam por naturalizar e, pior, reproduzir tais ideários.

Em perspectiva semelhante, Paulo Freire argumenta que o neoliberalismo potencializa esses aspectos ao sedimentar a ideologia fatalista de que o mundo econômico é assim mesmo, injusto e desigual, mas que todos um dia podem melhorar de vida. Perspectiva presente, em termos atuais, no discurso do “empreendedorismo” e/ou do “seja empreendedor de si mesmo”; “pois como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender... e não como uma produção histórica” (Freire, 1996: 127).

É nesse contexto social e cultural que se torna urgente a resistência, sobretudo, quando se constata as dificuldades em se desvelar os mecanismos que não permitem a autonomia plena do indivíduo. Diante disso, Paulo Freire (1996) indica que a resistência deve se dar na deflagração da rebeldia e da justa ira, que necessita configurar-se de maneira “mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação” (Freire, 1996: 79).

Mas cabe destacar, que a autonomia destacada por Paulo Freire (1996) e Adorno (2020) diverge diametralmente da concepção restrita do termo, que se situa apenas no sentido do “governar a si próprio”, aspecto tão caro para a ideologia neoliberal, ideário esse que tem na educação uma de suas mais importantes dimensões.

Não é nessa concepção que os respectivos autores vão defender, já que a autonomia também deve vislumbrar a emancipação do indivíduo e da sociedade em que ele está inserido. Nesse contexto, Adorno (2020: 200) alerta-nos para o fato de que “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência”.

Por sua vez, Paulo Freire segue perspectiva semelhante, visto que a autonomia não pode se constituir apenas na melhor maneira de se adequar as exigências do mundo social e de sua ordem econômica. Para o mencionado educador “a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes’ (Freire, 1996: 143).

Portanto, para Theodor W. Adorno (2020) e Paulo Freire (1996), a educação precisa se estabelecer na contínua criticidade e resistência diante de si e do mundo em que se vive, para que assim seja possível vivenciar uma autonomia plena, na qual a emancipação humana seja um horizonte de expectativa possível. Uma busca pela emancipação não apenas no sentido de integração a política formal da democracia instituída, mas sim numa visão radical de transformação social e humana. Dessa maneira, Freire e Adorno demonstram que o processo educacional também pode ser uma experiência formativa importante na compreensão de que outros projetos de educação e de sociedade são possíveis.

Considerações Finais

Estabelecer a leitura de autores como Paulo Freire e de Theodor. W Adorno torna-se relevante em tempos atuais, sobretudo, quando se pensa em refletir sobre educação em um cenário de contradições formativas. Isso devido ao nosso contexto atual, caracterizado por crises econômicas permanentes, ocasionadas pela imposição de políticas neoliberais, que esgarçam as desigualdades sociais, mais ainda num país como o nosso. Nessa

ordem econômica, a necessidade contínua de busca pelo aumento das taxas de lucros pavimenta a precarização do mundo do trabalho, aspectos que têm desdobramentos no âmbito educacional, uma vez que a educação escolar tem como uma de suas funções preparar o indivíduo para o mundo do trabalho⁵. Por conseguinte, o espaço da educação acaba por ser disputado e, muitas vezes, tomado pela lógica do mercado e pelos valores apregoados por ele, os quais visam legitimar a configuração do mundo econômico e de suas relações de desigualdades.

Além desse cenário, a educação pública sofre uma série de ataques engendrados pelo atual governo. Mormente, as Universidades Federais, alvo de constantes cortes orçamentários e de ataques à sua autonomia institucional. Paulo Freire também é outro alvo de agressões da gestão do presidente Bolsonaro, inclusive, na promessa de sua campanha de varrer tal pensador da educação brasileira, além de destituí-lo da posição de patrono da educação nacional⁶. Assim o nosso mais notável pensador da educação continua a ser perseguido e combatido pelas forças do atraso de ontem e de hoje, o que nos faz lembrar de uma das teses de história de Walter Benjamin (1987), a qual indica que nem os mortos estarão salvos se as forças do fascismo vencerem⁷.

Adorno e Paulo Freire manifestaram a importância que o processo educacional pode ter na perspectiva da formação de indivíduos autônomos e críticos diante de si e do mundo que os circunda. Tais fatores são de fundamental importância no processo de emancipação individual e de mundo, visto que a primeira ocorre no espaço contextual da coletividade. Esses autores indicam também que a educação, por si só, não possibilita a autonomia, mas que tal questão é um processo de construção crítica que perpassa pela dimensão da experiência prática-formativa.

⁵ Como consta nos artigos iniciais da LDB. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 27. ago. 2021

⁶ Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/18/quem-e-paulo-freire-educador-brasileiro-que-virou-alvo-de-bolsonaro.htm>>. Acesso em 27. ago.2021

⁷ Trata-se da sexta tese de História, de Walter Benjamin (1987), que vale a leitura na íntegra pela sua atualidade, sobretudo, em tempo de ascensão neofascista no Brasil e no mundo.

Para tais pensadores o processo educacional não pode apenas afirmar os dados presente do mundo, ao contrário disso, precisa ser uma crítica radical da realidade e para resistência permanente. Mas para isso é necessário a compreensão da autonomia vinculada à emancipação, essa última precisa ser compreendida como meio para perceber que outros modelos de educação e de sociedade são plausíveis. Tais aspectos são alentadores, particularmente em tempos de radicalizações do neoliberalismo/capitalismo e de ascensão de projetos autoritários de poder e de educação.

Referências bibliográficas

Endereços eletrônicos

BRASIL. LDB. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 27. ago. 2021

BERMÍDEZ, Ana Carla. Quem é Paulo Freire, educador brasileiro que virou alvo de Bolsonaro. Uol. São Paulo, 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/18/quem-e-paulo-freire-educador-brasileiro-que-virou-alvo-de-bolsonaro.htm>>. Acesso em 25. ago.2021

CCCTA.<<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/policas-de-avaliacao-curriculo-e-trabalho-docente-repercussoes-das-avaliacoes-externas-no-cotidiano-das-escolas-publicas>> . Acesso em 23. ago. 2021.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2º ed. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

_____. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura*. Trad. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 15-46.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In:_____. *Magia e Técnica, arte e política*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31º ed. São Paulo, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 28º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

LOIOLA, Francisco A.; BORGES, Cecília. A pedagogia de Paulo Freire ou quando a educação se torna ato político. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. In: *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 287-310.

HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARTINS, Ângela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 207-232, março/ 2002.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

LEO MAAR, Wolfgang. Adorno, semiformação e educação. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto de 2003.

_____. Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2º ed. Trad. de Wolfgang Leo Marr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020, p.11-30.

LIMA, Geraldo Freire de. *Kant e Adorno: da autonomia à emancipação, da Aufklärung à Auschwitz*. Natal: IFRN, 2019.

SAVIANI, Demerval. Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 3, p. 653-66, setembro/dezembro de 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Adorno*. Publifolha: São Paulo, 2003.